

Caxambu: a ginga da libertação

 [Imprimir Matéria](#) |  [Enviar para um amigo](#)

Caxambu

Rogério Medeiros

Foto: Rogério Medeiros



O menino qinca no meio da roda ao som do jonco

O menino põe as duas mãos sobre o tambor, o tambor pára. Ele solta a voz: "Caxambu morreu, manda enterrar... Chegou na porteira, caxambu está lá." Depois destes versos, o tambor volta a repicar, e o menino do tambor, um negro frágil, parte para o centro da roda numa evolução de braços e pernas, lembrando seus antepassados escravos nos rituais afros.

A ginga do neguinho se deu numa das rodas mais antigas de Caxambu no Estado: o de Monte Alegre, uma tradicional localidade de quilombolas de Cachoeiro de Itapemirim, no distrito de Pacotuba. Cujá origem escrava já está reconhecida pelo Incra, segundo o deputado estadual petista Carlos Casteglione, ligado aos negros da região por fortes laços afetivos.

A última apresentação foi no dia 13 de maio, quando o Caxambu de Monte Alegre comemorava a libertação dos escravos, época em que também outros caxambus, espalhados pelo interior de Cachoeiro de Itapemirim, também comemoraram a data. Mas a roda mais freqüentada continua sendo mesmo a de Monte Alegre, pela longevidade e pela tradição do seu Caxambu.

Duas belíssimas negras se destacavam na roda, nesse dia: uma no tambor e outra no comando da roda. Com trajes afros, vestidos longos e rodados, de um verde bem fechado, com enfeites amarelos e rosas nas barras, elas eram o destaque também na beleza.

Uma imensa fogueira iluminou a roda, lembrando quando os caxambus eram feitos à borda das matas, sem qualquer iluminação elétrica, "igualzinho ao tempo de meus avós, dos meus pais". "Eles foram mestres desse Caxambu que agora eu levo com a minha gente daqui", esclarece Maria Laurinda, mestre do Caxambu de Monte Belo. Do alto de seus 61 anos de idade - que não trouxe qualquer dano à sua beleza. Com a desenvoltura de uma jovem esbelta era quem comandava a roda, como se fosse um excelente maestro à frente de sua orquestra.

"Dos meus avós para frente, todos os mestres desse Caxambu saíram de minha família: meus avós José Ventura e Manoel Adão. Depois que eles se foram, o meu pai, Paulino Adão. Veio minha mãe, Erenita Ventura, agora sou eu. Já tem até uns tempos que sou eu, ainda vai levar tempo para entregar para outro", brinca com o repórter.

Cá com os meus botões: em nome da beleza, ninguém de sã consciência vai querer que aquela beleza conservada até agora, posta num corpo escultural, deixe o Caxambu. Parece até que o Caxambu faz parte disso. Pois, como diz o deputado Casteglione, o Caxambu está no cerne da existência dos negros de Monte Alegre, onde Laurinda é a figura da própria rainha, à frente de uma menina trabalhada para conservar o mais importante traço de cultura do seu povo.

Foto: Rogério Medeiros



Os meninos são hoje os principais participantes deste Caxambu, de Maria Laurinda. Era realmente de se ver a menina, tanto do sexo masculino, como do feminino, parando o tambor e tirando versos para uma roda de marmanjos a repicar e a vibrar com a ginga de corpo da garotada.

A mestre Maria Laurinda comanda a festa com evoluções

Os integrantes da Comissão Espírito-santense de Folclore, Fernando Pignaton e Apoena Medeiros, que assistiram, no dia 13 de maio, à apresentação do Caxambu de Maria Laurinda, confrontaram conhecimentos científicos como o que viam ali. E distinguiram o Caxambu do Jongo, pelo ritmo, pelo toque do tambor e pela forma da roda. Pois há correntes de pesquisadores do Folclore que ainda não distinguem essa diferença, preferindo achar que o Caxambu e o Jongo são a mesma coisa.

Há os que acham que o Caxambu é tratado no norte do Estado de Jongo e o Jongo do norte do Estado é tratado no sul de Caxambu. Chamada à discussão, a mestre Maria Laurinda esclareceu como quem vive o Caxambu há mais de 50 anos: "Isto aqui se chama Caxambu, mas o que a gente dança é o Jongo."

Esse Caxambu, no entanto, é um dos raros que ainda possuem o tambor bolido, cujo tronco é hoje humanamente impossível de ser encontrado: sua espécie desapareceu com a devastação da Mata Atlântica. Como característica, o tambor é feito de um pau oco, que tem uma boca fina e vai alargando até chegar ao couro. Diferente dos que são tocados nos demais Caxambus, de pau cortado, que tem largura igual em todo o seu comprimento. O som do pau bolido é mais puro e compacto, beira a perfeição.

Mas o Caxambu, neste 13 de maio, não tocou somente no Monte Alegre, mas em outras comunidades interioranas e até na cidade, como ocorreu no bairro do Zumbi, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Este bairro, que leva o nome de Zumbi exatamente por causa de sua população negra, oriunda de regiões do campo, também festejou o 13 de maio nos salões do Centro Espírita Menino Jesus, comandado por Niécina Souza, a Dona Isolina. Nessa data houve também a tradicional feijoada de dona Isolina e, como nos anos anteriores, antes da feijoada ser servida, uma ronda de Caxambu e uma apresentação do Bate-Flecha.